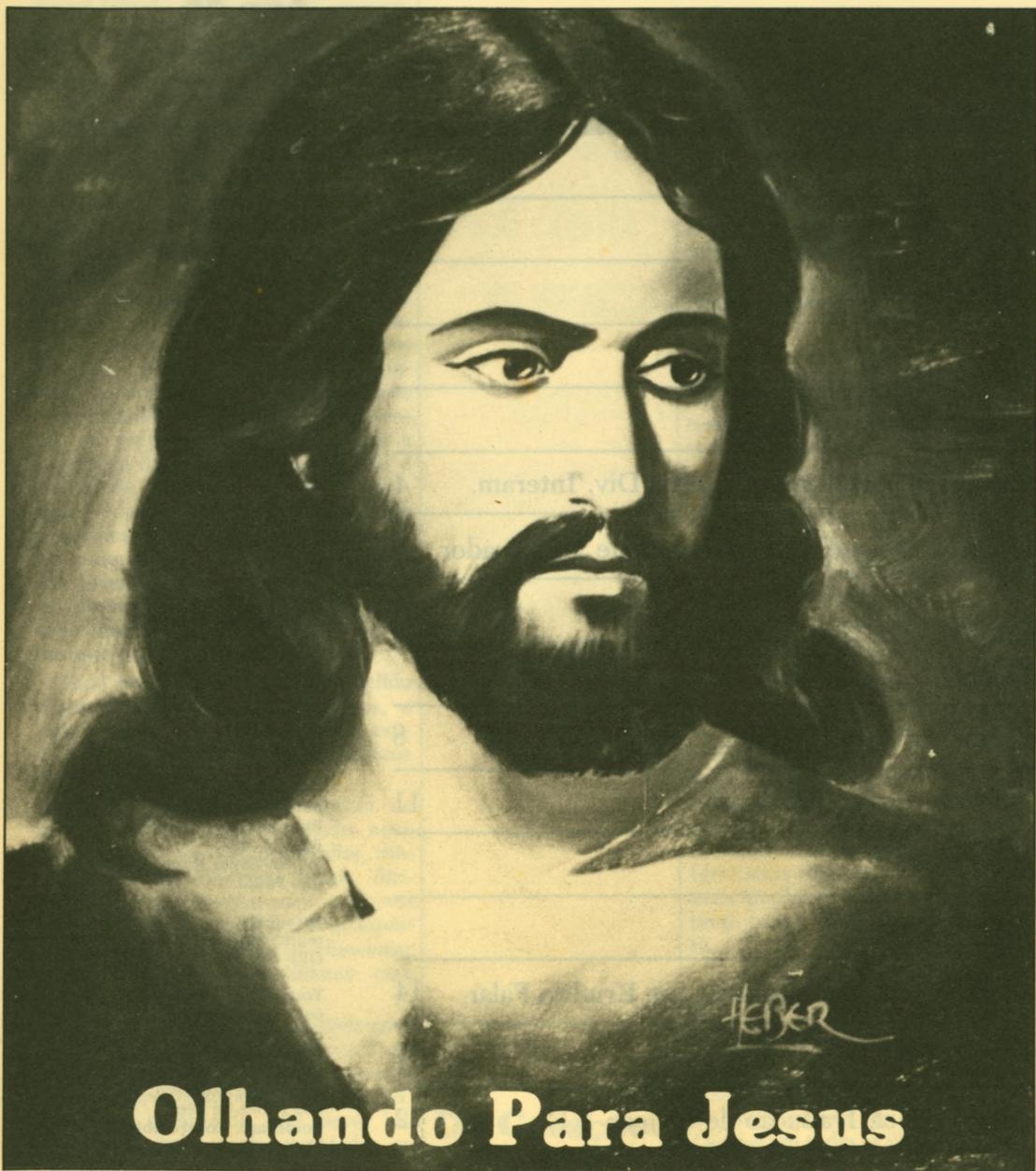


o ministério adventista



Jan/Fev 80



Olhando Para Jesus



Jan/Fev 80
Ano 46
Número 5

De Coração a Coração

Marchemos Para a Vitória 3

Evangelismo

Planos de Evangelismo p/1980 na Div. Interam. 4

Campanha Evangelística Nacional de El Salvador 6

O Pastor

O Pastor e a Arte Olvidada da Visitação 8

A Pobreza: Problema Social 11

Artigos Gerais

A Al. do Dia do Senhor Ouve um Erudito Falar 14

“Olhando Para Jesus” 19

A Problemática Tradução de S. João 1:1 22

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Salim Japas

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pável Moura

Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Wilson F. de Almeida

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura anual:
Cr\$ 96,00
US\$ 3,00

Editado bimestralmente
pela **Casa Publicadora
Brasileira**, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista acha-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
760 Ponce de Leon
Boulevard, Coral Gables,
Florida 33134 U.S.A.

Marchemos Para a Vitória

As situações que enfrentamos por fora e por dentro da Igreja requerem nova dedicação e unidade de propósito. Agora é o tempo para nós, como membros e dirigentes de igreja, unirmos nossas energias, nosso amor e nossa consagração para atacar o inimigo e avançar juntos para cumprir a comissão do evangelho. A Igreja toda deve mover-se para a frente conjuntamente, de mãos dadas. Nossa Igreja, humanamente falando, não é nada "se consistir de cada um de nós", mas é uma torre forte e uma poderosa força "se consistir de todos nós" — administradores, secretários departamentais, pastores, obreiros, anciãos, oficiais e membros de igreja ligados com dedicação para a terminação da obra.

Os administradores e outros líderes organizacionais das uniões, associações e missões realizarão campanhas evangelísticas no começo do ano, e cada pastor dedicará pelo menos 24 semanas do ano ao evangelismo. Todos os departamentos da Igreja voltarão suas atividades para o evangelismo do princípio ao fim do ano. O departamento de Atividades Leigas dará especial atenção ao preparo dos membros para a realização de cruzadas evangelísticas e ao ato de provê-los com bons materiais. Alguns serão adestrados para serem instrutores de classes batismais. Os planos requerem intensivas cruzadas evangelísticas da parte de todos os obreiros denominacionais e voluntários durante o período de três semanas que culmina na Semana Santa.

Todo membro de igreja é impelido a ganhar pelo menos uma pessoa, e toda igreja e grupo da Divisão é estimulado a programar mensalmente uma cerimônia batismal.

Um método para a conquista de novos membros é abrir trabalho novo em regiões ainda não penetradas, mediante Escolas Sabatinas Filiais, dirigindo seu crescimento para as classes batismais. Todas as classes de qualquer Escola Sabatina deveriam funcionar como unidades evangelizadoras, com um alvo batismal.

Os professores nas instituições educacionais adventistas na América Central devem estar cientes do enorme potencial evangelístico dessas escolas. Deve ser organizada uma classe batismal em cada escola, em todos os níveis educacionais: universidade, co-

mpilação de
pensamentos do
Pastor B. L.
Archbold,
presidente da
Divisão
Interamericana.

légio, secundário e elementar. Os professores não somente devem trabalhar em favor de seus alunos, mas também organizá-los, ajudando-os a realizar campanhas evangelísticas.

Os colportores são estimulados a incluir "El Centinela" e uma Bíblia em cada uma de suas entregas, e a dedicar tempo a estudos bíblicos e campanhas evangelísticas, especialmente durante as cruzadas da Semana Santa.

A conquista de almas não é exclusivamente um empenho masculino na Divisão Interamericana. As mulheres desempenham uma parte ativa em muitos lugares. Na Guiana, 50 cruzadas evangelísticas, simultâneas, muitas delas tendo uma mulher como seu principal orador, resultaram no batismo de 250 pessoas. Todos os membros — jovens e idosos, homens e mulheres — estarão perdendo a melhor parte de sua experiência missionária se não participarem ativamente na conquista de almas.

AGORA é o tempo de todos os dirigentes, ministros, obreiros institucionais e departamentos traçarem planos e se empenharem em testemunho pessoal e evangelismo público. Contemos a homens e mulheres que o Rei vindouro está às portas. Preparai-vos para o encontro com Ele.

AGORA é o tempo de convocar todos os membros da igreja para testemunho total e evangelismo total.

AGORA é o tempo para um genuíno avivamento entre nós.

Deus está esperando que os professores, médicos e outros componentes da obra médica — Ele está à espera de que os colportores, os obreiros bíblicos, as secretárias de escritório, os oficiais de igreja, os membros, os jovens e as crianças, todos os dirigentes, ministros e obreiros se empenhem num ministério mais dilatado e num testemunho mais amplo. Esta é a hora mais importante para a Igreja. Nossa ordem é clara.

Prezados companheiros cristãos, é-nos dada a ordem: "Ide" — ide rapidamente. Ide AGORA, no Ano da Exposição Evangelística, e compeli os pecadores a vir e aceitar a salvação. Ide dizê-lo em todas as partes de vossa vila, de vossa cidade, de vossa metrópole. Dizei-o em todas as ilhas. Levai a mensagem à casa de cada pessoa. Dizei a

**De Coração
a Coração**

vossos vizinhos e amigos que AGORA é o tempo oportuno.

Prezados crentes, o encargo da igreja remanescente, que se afigura impossível, será realizado. Sob o poder da chuva serôdia, o meio milhão de adventistas do sétimo dia na América Central (e os 400.000 da América do Sul) podem terminar a tarefa, e o farão. Os três milhões de membros em todo o mundo disseminarão a mensagem de um Salvador prestes a voltar. É tempo de colheita, e Deus nos prometeu o poder para colher e preparar um povo para Sua vinda.

A obra será terminada, não por pro-

Todo membro de igreja é impelido a ganhar pelo menos uma pessoa, e toda igreja e grupo da Divisão é estimulado a programar mensalmente uma cerimônia batismal.

gramas (alguns são necessários), não por dinheiro (embora seja preciso), não por meio de planejamento dinâmico (o qual é essencial), mas pelo batismo do Espírito Santo, como no dia de Pentecostes. Inflamados com o amor de Jesus, os 3.000 novos convertidos naquele dia tornaram-se instrumentos na produção de outros convertidos.

A obra de Deus há de ser terminada em fulgurante glória e poder que causarão assombro ao mundo. Nada é impossível para Deus, mas nada de consequência eterna é possível sem Ele. Unicamente o poder da chuva serôdia fará com que a explosão evangelística se torne uma realidade.

Planos de Evangelismo Para 1980 na Divisão Interamericana

Idéia Central

Seguindo o conselho do Espírito de Profecia, que disse: "É um erro fatal supor que a obra de salvação de almas depende só do ministério" e acrescenta: "Que os ministros e membros leigos saiam para os campos a amadurecer" (*Serviço Cristão*, págs. 68 e 67), declarar que 1980 é o Ano da Participação Total na Evangelização, unindo os pastores, obreiros e leigos numa campanha total de conquista de almas.

Objetivos Concretos

a) Animar cada pastor ou obreiro evangélico a ganhar por si mesmo 25 preciosas almas ou mais.

b) Animar os obreiros em geral a ganhar por si mesmos 5 almas ou mais.

c) Preparar 50.000 leigos que ganhem uma alma para Cristo em 1980.

Dar aos referidos leigos o nome de "Embaixadores de Cristo", com o compromisso solene de orar e trabalhar pela conquista de uma alma durante o ano.

Anciãos de Igreja Ganhadores de Almas

a) Recomendar a todos os Campos locais a iniciação de um movimento tendente a preparar a todos os anciãos

EXPLOSÃO 80 PARTICIPAÇÃO TOTAL NA EVANGELIZAÇÃO Pastores, Obreiros e Leigos

"Uma Mensagem a Ser Partilhada".

de igreja como evangelistas e ganhadores de almas.

Inculcar o conceito de que o cargo de ancião encerra uma dimensão evangelística e que todo ancião tem o privilégio e o dever de ser um pregador e ganhador de almas.

b) Animar e instruir os anciãos para que em 1980 ganhem almas usando os seguintes meios:

Proferir séries de conferências

Dirigir classes bíblicas

Dirigir classes batismais

Dar estudos bíblicos

Atuar como conselheiros e instrutores dos leigos na conquista de almas.

Etapa de Adestramento

Recomendar que os leigos sejam preparados em sua função de pregadores e ganhadores de almas.

Aconselhar que cada Campo local organize concílios de anciãos para instruí-los em seu novo rol de evangelistas e ganhadores de almas.

Evangelismo Total

Recomendar que os Campos locais promovam uma mobilização geral de todas as forças para uma campanha sem precedentes de pregação evangelística:

Evangelismo

a) Que cada pastor ou obreiro distrital realize de 2 a 4 séries de conferências ou classes bíblicas em seu distrito.

b) Que cada departamental e administrador realize 2 (duas) séries de conferências.

c) Que cada ancião de igreja realize uma série de conferências ou uma classe bíblica ou batismal.

d) Sugerir que cada igreja prepare três jovens para realizar séries de conferências.

e) Pedir que os colportores efetuem algum tipo de evangelismo que ganhe almas.

f) Animar os professores a realizar classes bíblicas e batismais nas escolas, para ganhar os alunos. Que os professores colaborem na evangelização por parte das igrejas.

g) Preparar em cada igreja um grupo de pregadores leigos que dirijam séries de conferências.

Métodos a Serem Usados em 1980.

a) Séries de conferências ou classes bíblicas.

b) Classes batismais em todas as igrejas, congregações e escolas.

c) Unidades evangelizadoras.

d) Evangelismo de Semana Santa.

e) Carteiros missionários ganhadores de almas.

Penetração em Novos Territórios

Recomendar que todos os Campos locais façam planos definidos para penetrar em novos territórios.

a) Que cada Campo local organize pelo menos uma campanha evangelística num território novo.

b) Que cada distrito procure penetrar numa nova localidade ou bairro da cidade, deixando um grupo ou congregação.

c) Animar cada igreja a fazer obra missionária num setor sem obra e deixar estabelecida uma congregação.

d) Organizar as unidades evangelizadoras e os leigos para penetrar em todo o território que lhes corresponde.

Inculcar o conceito de que o cargo de ancião encerra uma dimensão evangelística e que todo ancião tem o privilégio e o dever de ser um pregador e ganhador de almas.

Uso Duplo dos Templos

Em vista da explosão de novos conversos em toda a Divisão, e levando em conta o alto custo da construção de novos templos, recomendar que em todo lugar onde seja possível se adote o plano de ter dois turnos de culto sabático nos templos. Inclusivamente, que se anime a que funcionem num mesmo templo duas igrejas com seus respectivos oficiais e membros. Dessa maneira se pode dobrar o número de membros sem incorrer em novos gastos.

Materiais Adequados e Suficientes

Em vista da excelente disposição de obreiros e leigos para ganhar almas e reconhecendo a imperiosa necessidade de material, recomendar que os Campos locais façam provisão dos seguintes materiais: Bíblias suficientes; livros com sermões evangelísticos; manuais batismais; séries de estudos bíblicos; projetores econômicos; transparências de estudos bíblicos; *El Centinela*; cartões de decisão.

Batismos

a) Reafirmar o plano de batismos mensais em todas as igrejas.

b) Animar as igrejas grandes a celebrar um batismo cada duas semanas.

c) Batismos especiais:

1. Grande Batismo de Semana Santa.
2. Grande Batismo de Jovens.
3. Grande Batismo de Leigos.
4. Batismo de Alunos de Colégios e Escolas.
5. Grande Batismo Final de Colheita.

Celebração e Reconhecimento

Recomendar que cada Campo local organize no fim do ano cerimônias de ação de graças pelas bênçãos e vitórias obtidas.

Que cada Campo organize retiros para obreiros e leigos que se distinguem na pregação e na conquista de almas, instrutores de classes batismais, etc.

Que seja conferido um diploma aos ganhadores de almas. ❧

“Das infinitas variedades de plantas e flores, podemos aprender uma importante lição. Nem todas as flores têm a mesma forma, nem a mesma cor. Algumas delas são medicinais. Outras são sempre fragrantas. Há cristãos professos que julgam ser seu dever fazer com que todos os outros sejam semelhantes a eles. Este plano é humano; não é o plano de Deus. Na igreja de Deus há lugar para características tão variadas como as flores do jardim. Em Seu jardim espiritual há muitas variedades de flores.” — *Evangelismo*, pág. 99.

Campanha Evangelística Nacional de El Salvador

12 de março a 12 de maio de 1979

Campanha Concentrada e Unida

Na primeira parte da campanha se uniram todas as igrejas da capital para uma série de sete reuniões num estádio coberto. Apesar de graves problemas e convulsões políticas e sociais que interromperam o serviço de transporte e de luz, milhares de pessoas afluíam cada noite para ouvir as mensagens do evangelista e ver os filmes e ilustrações na tela tripla e o quadro luminoso.

A primeira parte culminou no domingo 18 de março com uma das maiores e mais impressionantes reuniões em toda a história da Divisão, à qual assistiram 12.000 pessoas. Destas, cinco mil eram formandos dos cursos da "Voz da Esperança". O programa espetacular e de grande impacto emocionou os assistentes. Cantaram os Arautos do Rei, o evangelista proferiu uma conferência e se formaram cinco mil alunos da "Voz da Esperança" em apenas cinco minutos.

Campanha Diversificada

Daí em diante a campanha prosseguiu em todo o país. Somente na capital se pregava em 18 lugares. Os pregadores eram todos os obreiros e 120 pregadores leigos.

Em Usulután o Pastor Carlos Martín tinha um público de 700 a 1.200 pessoas por noite, num ginásio aberto.

Em Cojutepeque, cada noite 500 pessoas vinham ouvir o Pastor Alfredo Argueta. Em Ahuachapan, o Pastor Tevni Grajales e seus obreiros voluntários dirigiram 16 campanhas.

Celebraram-se quatro reuniões gerais de todos os obreiros para coordenar os pormenores das campanhas e dos batismos.

Preparação dos Candidatos

A maioria dos assistentes às conferências eram graduados da "Voz da Esperança" ou convidados pelos irmãos. Portanto, era um público amigo e preparado espiritualmente, o que permitiu encarar a temática em forma religiosa e direta para com a mensagem. Nas conferências se usou o sistema de

(Informações prestadas pelo Pastor Carlos E. Aeschlimann).

classe bíblica com o curso denominado "Este é o Caminho". Os candidatos em sua maioria foram instruídos pelos leigos, com o curso "A fé de Jesus".

Campanha Nacional de El Salvador

A grande campanha evangelística de El Salvador, realizada de 12 de março a 12 de maio de 1979, deu como resultado o batismo de 1.826 almas, sendo provavelmente uma das campanhas mais produtivas na história do evangelismo adventista mundial. Nela se provou o novo conceito de "campanha nacional".

Descrição da Missão de El Salvador

A Missão de El Salvador compreende o país do mesmo nome, que é pequeno em território, mas possui cinco milhões de habitantes. A Missão tem 61 igrejas e cerca de 11.500 membros atendidos por 13 pastores de distrito. O presidente da Missão é o Pastor Raul Rodríguez, homem jovem, dinâmico, com boa experiência pastoral e evangelística, o qual deu mostras de excepcionais dotes de liderança na organização da campanha e nas diversas e dramáticas crises que teve de enfrentar. Tanto o tesoureiro como os departamentais apoiaram eficazmente a programação.

Uma Estratégia Nova

Nesta campanha se provou uma nova estratégia denominada "Campanha Nacional". Consistiu em que ao mesmo tempo todos os obreiros e 120 pregadores leigos abriram centros de pregação em todo o país, num esforço em conjunto. Usou-se o mesmo temário, a mesma propaganda, a mesma metodologia e o mesmo material. Da capital, o evangelista da Divisão, Pastor Carlos Aeschlimann, que pregava em três igrejas, e o presidente da Missão, Pastor Raul Rodríguez, que pregava em duas igrejas, dirigiram a gigantesca campanha. Todos os obreiros realizaram pelo menos uma campanha, entre eles o tesoureiro e o caixa da Missão. O mais impressionante, porém, foi a participação de centenas de leigos na ta-

refa de pregar e de preparar os candidatos para o batismo.

Planos e Preparação do Terreno

Os planos da campanha começaram a ser traçados com um ano de antecipação. A preparação do terreno começou em outubro de 1978, quando 2.400 carteiros missionários foram adestrados e lançados à ação. Além disso, houve uma solenidade para os 120 pregadores leigos em que eles receberam instruções e o livro de sermões. Os leigos foram incentivados e habilitados a dar estudos bíblicos e ganhar almas, e as classes batismais completaram a instrução de centenas de interessados.

O resultado foi que no começo da campanha realizou-se uma formatura de 5.000 alunos dos cursos da "Voz da Esperança".

Números Impressionantes

Nas reuniões em massa no Ginásio Nacional, a assistência oscilou entre quatro e doze mil pessoas por noite. Na parte culminante da campanha nacional pregavam 20 obreiros e 125 pregadores leigos, cobrindo todo o país; e pelo menos 8.000 pessoas assistiam aos diversos centros de pregação.

Formaram-se 5.052 alunos da "Voz da Esperança", preparados por 2.400 carteiros missionários.

Realizaram-se duas concentrações de leigos no Cine Libertad, da capital, com a assistência de 5.000 pessoas.

De janeiro a maio, os obreiros dirigiram 37 campanhas e os leigos 219.

O Grande Batismo Nacional, um Milagre Moderno

Na semana que precedeu o grande batismo nacional marcado para o dia 12 de maio, o país foi sacudido pelos mais graves distúrbios políticos. Extremistas ocuparam três embaixadas. Houve dezenas de mortos, o sistema de transporte ficou paralisado, e a capital se achava aterrorizada e inerte. O mais grave era que não havia ônibus para o transporte. Sexta-feira de manhã parecia que a situação não tinha remédio. Os obreiros oraram com fervor. Nas últimas horas desse dia começou a retornar a normalidade, deixando uma enorme interrogação quanto ao que sucederia no dia seguinte. Mas o presidente da Missão se manteve inquebrantável em sua decisão de atuar com fé e continuar com o programa previsto.

No sábado a situação estava quase

A grande campanha evangelística de El Salvador, realizada de 12 de março a 12 de maio de 1979, deu como resultado o batismo de 1.826 almas, sendo provavelmente uma das campanhas mais produtivas na história do evangelismo adventista mundial. Nela se provou o novo conceito de "campanha nacional".

normal, mas pela primeira vez no ano começou uma chuva tormentosa desde cedo. A despeito de tudo isso, chegaram ao local do batismo 200 veículos que transportaram 7.000 pessoas. Sob uma chuva que às vezes era torrencial, 12 pastores batizaram 1.001 almas no lago de Ilopango, em menos de uma hora. Levando em conta os batismos que houve em outros três lugares, nesse sábado foram batizadas 1.326 pessoas. Foram momentos dramáticos em que a mão de Deus operou em forma patente.

O Papel dos Leigos

Os leigos de El Salvador desempenharam o papel de protagonistas em todos os aspectos da campanha. Organizados como carteiros missionários e unidades evangelizadoras, prepararam e abrandaram o terreno. Durante a campanha, atuaram como pregadores em 120 lugares. Centenas de leigos trabalharam como instrutores bíblicos e prepararam a maioria dos candidatos ao batismo. Além disso, ajudaram em todas as comissões. Segundo o último relatório prestado pelos pastores, os leigos realizaram 295 séries de conferências, 356 leigos ajudaram a preparar candidatos e se atribui ao trabalho dos leigos o batismo de 1.520 almas do total de 1.826.

Trabalho Novo

Em San Salvador, a capital, surgiu uma nova igreja na cidade anexa a Mexicanos. No primeiro sábado se reuniram mais de trezentas pessoas. Também na capital abriu-se um trabalho novo em cinco outros lugares. Em todo o país têm sido penetrados dezenas de lugares novos.

Finanças

O orçamento da campanha era de 35.000 dólares. Cumpre lembrar que com esse orçamento se financiou a campanha nacional, ou seja: grande parte da propaganda e do material usado pelos pastores e leigos de todo El Salvador proveio desse orçamento único.

Atuou como administrador o tesoureiro da Missão, irmão Adaías Rivas. De acordo com o último relatório, a campanha permaneceu dentro dos limites do orçamento.

Reflexões

Causa admiração a grande façanha realizada pela Missão de El Salvador, que é um campo pequeno, de escassos recursos humanos e financeiros. A única explicação é a ajuda evidente do

Espírito Santo e a dedicação total de obreiros e leigos ao evangelismo.

Mas o último capítulo ainda está para ser escrito. Os irmãos de El Salvador realizarão outras 252 campanhas, terão cerca de cem classes batismais em funcionamento e esperam batizar várias centenas de preciosas almas.

Se um Campo pequeno como El Salvador, com a ajuda do Espírito Santo e a consagração total de obreiros e leigos, conseguiu tais resultados, que não poderiam conseguir nossas grandes associações?

Outra reflexão é que a idéia de uma campanha nacional ou de total envolvimento de um Campo local parece ter valores mui positivos. Galvaniza a atenção, concentra as forças, causa um grande impacto e produz frutos abundantes. Seguirão outros este exemplo?

Vitórias no Último Momento

Uma família colombiana desejava batizar-se, mas tinha problemas sociais tão complicados que era impossível casarem-se sem tomar providências de vários meses de duração. Eles oraram a Deus clamando por uma solução. Na sexta-feira à tarde um advogado descobriu uma cláusula que lhes permitia solucionar todos os seus problemas. Em poucas horas tudo se resolveu e puderam batizar-se no sábado de manhã.

A esposa de um médico adventista de Ahuachapán decidira postergar seu seu batismo, mas quis ir ver o batismo nacional. Em meio da chuva, sentiu tal emoção pelo quadro que presenciava, que manifestou o desejo de batizar-se. Suas filhas quiseram acompanhá-la, e também foram batizadas.

Grandes Bênçãos nas Séries Dirigidas Pelos Pastores

O Pastor Alfredo Argueta dirigiu sua

Sob uma chuva que às vezes era torrencial, 12 pastores batizaram 1.001 almas no lago de Ilopango, em menos de uma hora.

série no templo central de Cojutepeque, com uma assistência contínua de 400 pessoas interessadas. Além disso, os pregadores leigos dirigiram 38 campanhas.

O Pastor Carlos Martín realizou uma série num ginásio aberto, com uma assistência que oscilava entre 800 e 1.500 pessoas. Ao trasladar-se para o templo tiveram que proferir as conferências em dois turnos, e aconteceu a mesma coisa com o culto de sábado.

Em Mexicanos, um lugar completamente novo, cada noite havia 300 a 400 pessoas.

Batizado com Permissão do Sacerdote

Um catequista estudou a verdade e decidiu batizar-se, mas pensou que convinha obter a autorização do sacerdote católico com quem havia trabalhado. Este ouviu o que ele tinha a dizer e lhe declarou: "Filho, se crês que deves batizar-te, faze-o. A Igreja Adventista tem a verdade." Depois perguntou-lhe se tinha um roupão batismal e lhe emprestou uma batina branca. Dessa maneira esse jovem catequista desceu às águas batismais com a anuência e a batina do sacerdote.

Maravilhosas Vitórias dos Leigos

Um dos leigos que trabalhou com o Pastor Carlos Martín preparou 51 candidatos para o batismo.

Como fruto do trabalho da Sra. Marroquín, formaram-se 28 alunos dos cursos por correspondência, e 20 deles foram batizados.

Outro carteiro missionário trabalhou com 15 alunos, dos quais se batizaram 13.

O ancião da Igreja Central, irmão Danny Perla, realizou uma série de conferências em San Martín, batizando 30 preciosas almas. ■

O Pastor e a Arte Olvidada da Visitação

Introdução

Os símbolos dados nos serviços do tabernáculo, à noite o fogo e a coluna de nuvem durante o dia, faziam o povo lembrar-se constantemente da presença de Deus. Desde a criação do

J. Pitino Valentín.

O Pastor

homem, Deus tem procurado dar-lhe uma imagem clara e distinta de Sua presença. Através de Seus muitos profetas manteve uma presença representativa.

Deus sempre anela manifestar-Se a

Seu povo face a face. Depois da entrada do pecado, Deus usou Seus profetas, sacerdotes e pastores para manter viva na mente do povo a realidade de Sua existência. É dever do ministro manter-se diante do povo. Isto se dará realizando um contato pessoal mais estreito com o povo de Deus.

O Dr. J. D. Ronking, clérigo presbiteriano, disse a um pastor: "O presbitério põe-lhe nas mãos não somente o púlpito, mas também os lares da congregação. Será um pastor, além de ser um pregador. Isto requer o contato pessoal. No púlpito verá os rostos da congregação; em seus lares lerá seus corações. No púlpito obterá sua admiração, nos lares obterá seu amor. No primeiro, as crianças o encararão com assombro; no lar porão o coraçãozinho em suas mãos com inquebrantável confiança. Ao mesclar-se com as pessoas em seus lares, o poder do púlpito será grandemente multiplicado. O pastor que é invisível durante a semana, é incompreensível no sábado."

Exemplo de Cristo Como Visitador

O Mestre andava com as pessoas, sem apartar-se como os sacerdotes de Seu tempo. Estes se perdiam em pormenores relativos ao funcionamento administrativo, deixando fora a pessoa como indivíduo e como filho de Deus. Davam muito mais ênfase ao dogma, e a mente desses homens, que pareciam estar dedicados a sobrecarregar a lei com preceitos humanos, produzia mil e um detalhes supérfluos. Devido a suas obras, apresentavam a Deus como uma personalidade indistinta e obscura. Como resultado, o povo considerava a Deus como um contador comercial ou um funcionário governamental.

Cristo desbaratou tais conceitos, tanto mediante Seus ensinamentos como por Seu modo de encarar dinamicamente as relações humanas. Relacionava-se pessoalmente com toda alma que encontrava, junto ao caminho, no lar ou onde quer que encontrasse uma alma necessitada de cuidado e afeto. O Mestre estava disposto a atender a quem quer que necessitasse de Sua ajuda pessoal.

Identificava-se com o público. Que foi que deu mais significado aos ensinamentos de Cristo? Vários expositores bíblicos têm declarado que foi a preocupação pessoal de Cristo pelo povo que deu tanta significação a Seus ensinamentos. Junto ao mar com Seus discípulos, na casa de algum parente, na festa de bodas ou na encosta da montanha, Jesus es-

No começo do movimento adventista, os crentes iam às casas e conversavam com seus moradores, lhes davam inspiração e estimulavam o desejo de estudar as Escrituras, num esforço para descobrir a verdade. Os precursores deste movimento viajavam muitos quilômetros para levar o evangelho às pessoas em seus lares e nas igrejas.

tava ali, *mesclando-se com as pessoas* e esforçando-se por dar-lhes o amor e a segurança de que necessitavam.

Quando enviou a Seus discípulos, eles foram de dois em dois e visitaram cada povoação e cada casa. Eles continuaram esta prática mesmo depois da ascensão do Mestre. Paulo de Tarso (Atos 20:27, 20 e 21) apresentou as verdades divinas às pessoas que se encontravam nos lares onde as mulheres realizavam suas tarefas cotidianas; nas sinagogas, onde liam os escritos sagrados; nos mercados, onde realizavam transações comerciais; nos lugares onde se cometiam pecados e na frente de templos de deuses pagãos. Paulo falava ao povo onde este se encontrava.

I. As Visitas Pastorais Tradicionais

As visitas pastorais dos primeiros tempos não eram regulamentadas por um sistema ou uma norma definidas. A igreja, à medida que crescia, desenvolvia seus procedimentos para dirigir a obra pessoal. Os dirigentes da igreja primitiva, muitos dos quais visitavam os cristãos de casa em casa e de negócio em negócio, acharam cada vez mais vantajoso, à medida que a igreja crescia e se enriquecia, estabelecer diferentes funções na igreja para dar ao povo o toque pessoal. Algumas igrejas deram esse toque mediante a linguagem simbólica empregada nos ritos e nas cerimônias. Na Igreja Romana, a confissão procurava ajudar as pessoas a falar face a face no que se esperava que fosse uma relação pessoal com um sacerdote e, ao mesmo tempo, com Deus.

Nos últimos anos do primeiro milênio, surgiram numerosas ordens de homens e mulheres que iam de casa em casa visitando as pessoas e procurando dar-lhes alegria e ânimo, para ajudar os sofredores e apaziguar os intensos temores que atormentavam as consciências.

II. As Visitas Pastorais na História Adventista.

No começo do movimento adventista, os crentes iam às casas e conversavam com seus moradores, lhes davam inspiração e estimulavam o desejo de estudar as Escrituras, num esforço para descobrir a verdade. Os precursores deste movimento viajavam muitos quilômetros para levar o evangelho às pessoas em seus lares e nas igrejas.

A gloriosa e bendita esperança era difundida não somente por meio das publicações, mas também pelos chamados evangelistas pessoais. Homens e mulheres, na última parte do século

XIX e especialmente na primeira parte do século XX, iam de casa em casa obsequiando e vendendo publicações. Nos escritos de Ellen G. White se faz alusão continuamente às necessidades de nossos irmãos, e somos admoestados a buscar o pecador onde está, e a levar o evangelho à alma necessitada.

III. As Visitas Pastorais na Atualidade

Em nossas igrejas da atualidade perdeu-se a arte da visitação pastoral. Introduziu-se o que podemos chamar de conceito administrativo, o conceito equivocado de "profissionalismo". Estes conceitos não requerem tantas visitas pastorais. A idéia é que a visitação se aplica principalmente aos obreiros bíblicos, olvidando-se que cada pastor é também um obreiro bíblico.

"Desejo dizer a meus irmãos do ministério: Aproximai-vos do povo onde ele se acha, mediante o trabalho pessoal. Relacionai-vos com ele. Esta é uma obra que se não pode fazer por procuração. Dinheiro emprestado ou dado, não a pode realizar. Sermões, do púlpito, não a podem efetuar. . . . Sendo omitida, a pregação será, em grande parte, um fracasso." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 188.

Observamos uma diferença de progresso e solidez, por um lado; e, por outro lado, de declínio e debilidade. A diferença se baseia nisto: as igrejas que manifestam um crescimento mais sólido e um progresso mais acentuado são aquelas nas quais o pastor visita mais o rebanho.

Em *Obreiros Evangélicos*, pág. 184, lemos o seguinte: "Mediante a pregação da Palavra e o ministério pessoal nos lares do povo, [o pastor] aprende a conhecer-lhes as necessidades, as dores, as provações; e, cooperando com Aquele que sabe, por excelência, levar cuidados sobre Si, partilha de suas aflições, conforta-os nos infortúnios, alivia-lhes a fome da alma, e conquista-lhes o coração para Deus. Nesta obra o ministro é assistido pelos anjos celestes."

Diz uma outra citação do mesmo livro: "Almas por quem Cristo morreu estão perecendo à míngua de bem dirigido trabalho pessoal." — Página 186.

Quais são os benefícios da visitação pastoral sistemática? Eis alguns deles:

1. Oportunidade de inteirar-se de suas necessidades íntimas, tanto materiais como espirituais.

2. Observar mais de perto os problemas, para solucioná-los.

3. Estreitar os vínculos entre o pastor e os membros.

Junto ao mar com Seus discípulos, na casa de algum parente, na festa de bodas ou na encosta da montanha, Jesus estava ali, mesclando-Se com as pessoas e esforçando-Se por dar-lhes o amor e a segurança de que necessitavam.

4. O pastor tem o privilégio de ser um elo que une o membro com Deus.

5. Facilita a comunicação pessoal entre ambos e dá a devida importância ao membro.

UM PRINCÍPIO IMPORTANTE: O ministro deve recordar que é pastor do rebanho. Sua atitude e sua conduta devem tender para a compreensão e para a elevação da pessoa vista.

Como se Realiza o Trabalho de Visitação

Este assunto envolve vários fatores:

a) Preparação pessoal.

1. O ministro deve estar seguro de sua relação com Deus. Sem manter estreita relação com Deus, ele é incapaz de alimentar o rebanho e de atendê-lo devidamente.

2. Faça de seus hábitos devocionais uma parte integrante de sua vida e de seu programa. Prescrição devocional para o obreiro, diariamente: 5 salmos; 1 provérbio (ou capítulo do Velho Testamento); 1 capítulo do Novo Testamento; S. João 17; uma parte de um livro do Espírito de Profecia; I Coríntios 13.

3. Porte-se sempre como se estivesse na própria presença de Deus.

4. "Quanto mais cheio do Espírito Santo estiver o ministro, tanto mais empenho terá em visitar as famílias, orar com elas e edificá-las em Cristo. Esta obra de visitação é insubstituível."

b) Planejamento.

Classifique a visitação da seguinte forma:

Enfermos físicos e espirituais, descurados e indiferentes.

Visitar os isolados e depois os demais membros da igreja.

Elaborar um plano de visitação. Nesta etapa, visitar mais membros que interessados. Por exemplo: Se o pastor tem de fazer 15 visitas, 12 devem ser membros e 3 interessados. Quando os interessados são o principal motivo da visitação, visitar 12 interessados e 3 membros. Preparar um plano ou mapa da cidade antes de lançar-se ao trabalho. Assim se poupará tempo e será realizado um trabalho mais eficaz.

c) Coordenação.

Não discrimine. Todos necessitam da visita do pastor. Evite o favoritismo. O pastor deve ser amigo de todos, não sendo íntimo de ninguém, se não quer despertar ciúmes na congregação. Em determinadas visitas é melhor que a esposa o acompanhe. Para poupar tempo, agrupe os endereços por zonas. As visitas devem perseguir um propósito fixo:

1. Conhecer melhor o membro.
2. Alentar os desanimados.
3. Promover a assistência aos cultos.
4. Animar as pessoas a ser fiéis na devolução dos dízimos.
5. Orientar os jovens.
6. Deter mexericos.
7. Desfazer inimizades.
8. Levar a Ceia do Senhor aos enfermos.

Nota: Usar cartões de visita.

“Quanto mais cheio do Espírito Santo estiver o ministro, tanto mais empenho terá em visitar as famílias, orar com elas e edificá-las em Cristo. Esta obra de visitação é insubstituível.”

Plano Múltiplo Para a Visitação

Quando o pastor tem várias igrejas e grupos, deve distribuir os membros entre os anciãos e diáconos, para que os visitem. Pôr um diretor em cada setor e um grupo de diáconos sob a direção de cada ancião. Prover-lhe cartões de visita, etc. O diretor geral deve efetuar revisões periódicas de dois ou três meses para receber informações do trabalho realizado. ■■

A Pobreza: Problema Social e Tentativa de Uma Solução Teológica

Um dos maiores problemas da humanidade é o da pobreza ou o pauperismo. Por que alguns são ricos e outros são pobres? Deve o rico partilhar seus bens com o pobre? Em caso afirmativo, até que ponto? Deve haver uma distribuição das riquezas de tal forma que todos possuam a mesma quantidade?

Ajudar os pobres pode ser considerado um dever *prima facie*, quer seja como beneficência, gratidão ou justiça. Isto, sobre o plano de motivos éticos. Mas como este dever pode ser posto em prática? Como podemos resolver o problema no nível casuístico? E aqui surge outro problema: a falta de acordo entre os indivíduos e os sistemas. Como exemplo notável, é muito interessante notar que no mesmo país e mais ou menos ao mesmo tempo, Tolstoy (+1910) e Lenin (+1924) propuseram soluções muito diferentes e opostas — tão opostas como a paz e a guerra.

Que pode dizer-se da Teologia? Há algum acordo entre os teólogos no tocante a este doloroso tema? Não resta dúvida de que os teólogos indicarão Isaías 58, o sermão da Montanha e talvez S. Mateus 19, acerca da conversação entre o jovem rico e Jesus. Estas passagens bíblicas parecem prescrever um tipo de socialismo ou comunismo. Será, porém, que é realmente assim? Quando estudamos diligentemente a experiência da Igreja Apostólica, é evidente que a experiência não produziu bons resultados. Bem, no nível espiritual foi muito bom, mas as igrejas da Judéia tornaram-se as mais pobres de todas

Humberto R. Treiyer.

as igrejas cristãs, e aquelas onde não se aplicou este sistema tiveram que prestar-lhes ajuda.

Nem as religiões orientais, nem o cristianismo com todas as suas divisões, parecem possuir uma solução real para o problema. Que diremos dos indivíduos? A experiência de pessoas como Pedro Waldo (+1217) e Tolstoy não nos oferece demasiado estímulo para fazer a mesma coisa. No entanto, se isso é na realidade um dever *prima facie*, temos de fazer algo. Quê? Quando? Como? Enquanto estadistas, sociólogos e clérigos estão sentados, em busca desesperada de respostas, o pauperismo cresce dia a dia neste pobre mundo.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia pretende ser a igreja de Deus, com uma mensagem divina e final para a humanidade. Que solução oferece esta Igreja? Somente a paciência?¹ Somente uma postergação do remédio até o momento da Segunda Vinda de Cristo?² A solução é um Fundo de Pobres ou a ação social mediante a Sociedade de Dorcas ou centros de beneficência?

São surpreendentes as instruções concisas e claras que esta Igreja possui a respeito da pobreza, não somente na Bíblia, mas também nos escritos do Espírito de Profecia. (No “Index” são dedicadas 14 páginas a este assunto.) A seguir é apresentada uma breve síntese desses conselhos inspirados e práticos.

Causas

1. “A razão de Deus permitir que

alguns da família humana sejam tão ricos e outros tão pobres, permanecerá como um mistério para os homens até a eternidade, a não ser que entrem na devida relação para com Deus e executem Seus planos."³

2. "Há duas classes de pobres que temos sempre ao nosso alcance — os que se arruinam a si mesmos por sua maneira de agir independente e que continuam na transgressão, e os que por amor da verdade foram levados a circunstâncias difíceis."⁴

a) "A incapacidade para economizar nas coisas pequenas, é uma das razões de muitas famílias sofrerem a falta das coisas necessárias da vida."⁵

"Para muitos, a causa de sua pobreza e vicissitude é um desperdício de tempo, uma falta de esforço."⁶

"Muitos são pobres devido a sua própria falta de diligência e economia."⁷

"Eles não calculam bem."⁸

"Alguns nada sabem do que seja renúncia e economia para se manterem livres de dívidas."⁹

"Muitos que mal podem viver enquanto solteiros, decidem casar-se e constituir família, quando sabem que nada têm com que a sustentar."¹⁰ E por aumentar rapidamente sua família."¹¹

"A indolência negligente", o desejo de "obter recursos de maneira mais fácil que pelo trabalho paciente e perseverante."¹²

b) "Todavia, há uma pobreza inevitável, e devemos manifestar ternura e compaixão para com os desafortunados."¹³

"Homens e mulheres tementes a Deus têm sido levados aos extremos da pobreza por doença ou infortúnio, muitas vezes causados pelos desonestos planos dos que vivem à custa dos semelhantes."¹⁴

"Outros ainda são pobres por causa de doenças e infortúnios."¹⁵

Razões Para a Existência dos Pobres

"Pois nunca deixará de haver pobres na Terra."¹⁶ "Porque os pobres sempre os tendes convosco."¹⁷

a) "Para se demonstrarem uma bênção" para a igreja.¹⁸ "[Nosso Redentor] manda os pobres como representantes Seus."¹⁹ "Os pobres, os desafortunados, os doentes e sofredores . . . são o legado de Cristo a Sua igreja."²⁰

b) "... a fim de provar a outros."²¹ "Para que . . . fôssemos provados."²²

"Ao colocar os pobres e sofredores entre nós, o Senhor está-nos provando a fim de revelar-nos o que está em nosso coração."²³

Ajudar os pobres pode ser considerado um dever prima facie, quer seja como beneficência, gratidão ou justiça.

"Por nosso amor e serviço a Seus necessitados filhos, provamos a genuinidade de nosso amor por Ele. Negligenciá-los, é declarar-nos falsos discípulos, estranhos a Cristo e Seu amor."²⁴

c) "Seu destino eterno será determinado pelo que houverem feito ou negligenciado fazer por Ele na pessoa dos pobres e sofredores."²⁵

Soluções

1. "Dessem os homens mais atenção aos ensinamentos da Palavra de Deus, e encontrariam uma solução a esses problemas que os desconcertam. Muito se poderia aprender do Velho Testamento quanto à questão do trabalho e do alívio aos pobres."²⁶

2. Algumas das instruções do Velho Testamento eram: deixar os rabiscos e os cantos dos campos, na colheita, para os pobres; também o que caía ao solo, o produto natural do campo durante o ano sabático, e a autorização de comer do pomar, ao passar por ele; convidá-los para as festas; dar um segundo dízimo para eles cada três anos; emprestar-lhes sem usura, etc."²⁷

3. Ação da Igreja:

a) "É o dever de cada igreja sentir interesse em seus próprios pobres."²⁸

"É dever de cada igreja fazer arranjos cuidadosos e judiciosos para o cuidado dos pobres e enfermos."²⁹

"Homens e mulheres de Deus, pessoas de discernimento e sabedoria, devem ser designados para cuidar dos pobres e necessitados, dando o primeiro lugar aos domésticos da fé. Essas pessoas devem relatar à igreja, e aconselharem-se quanto ao que deve ser feito."³⁰

b) "Não há dúvidas quanto aos pobres do Senhor. Estes devem ser ajudados em todo caso em que isto seja para seu benefício."³¹

c) Algumas formas práticas:

Ensiná-los a trabalhar, ajudando-os a conseguir emprego; ajuda e fundos especiais para auxílio de famílias pobres, dignas.³²

Prover-lhes trabalho, ensiná-los a cozinhar, a remendar e confeccionar suas próprias roupas.³³ E "como utilizar sabiamente os produtos que podem colher ou prontamente obter em sua região".³⁴

"Quando prego o evangelho aos pobres, sou instruída a dizer-lhes que tomem os alimentos mais nutritivos. . . Mas ainda não chegamos ao tempo em que deverá ser prescrito o regime dietético mais rigoroso."³⁵

"... educação em assuntos industriais e higiênicos."³⁶

"Deve-se dar atenção ao estabelecimento de várias indústrias, para que famílias pobres possam assim encontrar colocação."³⁷

Ou em lugares para os pobres em algum país.

"Devem ser produzidos alimentos saudáveis que possam ser supridos a preços que estejam ao seu alcance [ao alcance dos pobres dentre o nosso povo]. É desígnio do Senhor que as pessoas mais pobres de cada lugar se supram de alimentos saudáveis e baratos. Em muitos lugares deverão ser instaladas indústrias para a confecção desses alimentos."³⁸

Também devem ser realizadas cruzadas e campanhas para promover a temperança e despertar a consciência do mundo quanto aos pobres.³⁹

4. Ação dos membros individuais da igreja:

a) "Devemos fazer nossa a condição de nosso irmão desafortunado."⁴⁰

b) "... uma responsabilidade pessoal quanto a cuidar deles."⁴¹

c) "Lembrai-vos dos pobres. ... Dai regularmente."⁴² Uma oferta semanal ou mensal.⁴³

d) Falando acerca do povo de Deus, a serva do Senhor diz que eles devem privar-se de adornos desnecessários para aliviar os sofrimentos dos pobres.⁴⁴

e) Todo cristão que entenda de algum ofício deve procurar ensiná-lo aos pobres.⁴⁵

f) Deveres dos ricos na igreja:

"Os ricos devem fazer uma diferença em seus preços e salários a favor dos desafortunados e das viúvas, e dos pobres merecedores entre eles."⁴⁶

"Se [um irmão] está aflito ou pobre ... , deve-se fazer-lhe uma concessão, e mesmo não se lhe deve exigir o inteiro valor das coisas que compre dos abastados."⁴⁷

Importantíssimos Conselhos Acerca Dessa Obra:

1. "Podemos dar aos pobres, e prejudicá-los, ensinando-os a depender de outros. ... A verdadeira caridade ajuda os homens a se ajudarem a si mesmos."⁴⁸

2. "Não é sábio dar indiscriminadamente a todo aquele que solicite nosso auxílio; porque podemos assim encorajar a ociosidade, a intemperança e a extravagância."⁴⁹

Se a indolência não é corrigida, "tudo que se fizer em seu auxílio será como pôr riquezas em surrão sem fundo".⁵⁰

3. "Ninguém que possa ganhar a subsistência tem direito a depender de outros."⁵¹

"É desígnio do Senhor que as pessoas mais pobres de cada lugar se supram de alimentos saudáveis e baratos. Em muitos lugares deverão ser instaladas indústrias para a confecção desses alimentos."

"É seu dever confiar em suas próprias energias."⁵²

"Mediante trabalho diligente, fazendo sábio uso de toda capacidade e aprendendo a não perder tempo, terão êxito em melhorar-se."⁵³

4. "Não era o dever dos ricos ajudar aos que possuem saúde e podem ajudar-se a si mesmos."⁵⁴

5. Depois de dar-lhes conselhos e ajuda, "deixá-los então combater o combate da vida".⁵⁵

6. "Se toda a nossa atenção se concentrasse em aliviar as necessidades dos pobres, seria negligenciada a Causa de Deus."⁵⁶

Para terminar, algumas declarações mais proporcionam um quadro equilibrado do problema e suas soluções:

1. "Não era o propósito de Deus que deixasse de existir a pobreza no mundo. As fileiras da sociedade nunca haveriam de igualar-se, porque a diversidade de condições que caracterizam nossa raça é um dos meios pelos quais Deus Se propõe a provar e desenvolver o caráter. Muitos têm defendido com grande entusiasmo a igualdade entre todos os homens no tocante às bênçãos temporais de Deus; mas este não era o propósito do Criador."⁵⁷

2. "Deus não exige que nossos irmãos tomem a seu cargo toda família pobre que abraça a mensagem. Caso o fizessem, os ministros teriam de deixar de entrar em novos campos, pois os fundos ficariam exauridos."⁵⁸

Enquanto continua a situação atual do mundo, haverá pessoas pobres; faz parte do plano de Deus que elas estejam aqui, mas não na terrível condição em que a indiferença e o egoísmo as deixou, especialmente nas cidades.⁵⁹ Nossa obra, como membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, deve começar com os pobres que estão dentro da igreja, ajudando, ensinando e socorrendo-os, mas de maneira prudente. Talvez hoje não seja possível seguir literalmente todos os conselhos que temos, porque algumas condições são diferentes; mas esses princípios e normas gerais nos ajudam a cumprir este dever ético e teológico. A ingratidão e aparentes fracassos não devem desanimar-nos; não é, porém, dever da Igreja promover grandes modificações no mundo, tal como pretendem alguns sistemas de distribuição de bens. Há uma responsabilidade individual e também uma da igreja em geral.

Que mais podemos fazer? Nada mais ... , mas também nada menos. E nós, como Igreja, no momento atual não estamos cumprindo nossa responsabilidade para com os pobres de ma-

neira completa. Há, no entanto, uma alternativa clara e solene:

“Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes.”⁶⁰

“Em verdade vos digo que sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a Mim o deixastes de fazer.”⁶¹

E assim se determinará o destino eterno individual. ❧

Bibliografia

1. S. Tiago 5:7 e 8.
2. S. Mateus 5:3 e 5.
3. *Test. Para Ministros*, pág. 280.
4. *Test. Seletos*, vol. 2, pág. 507.
5. *Orientação da Criança*, pág. 135.
6. *Parábolas de Jesus*, pág. 247.
7. *Test. Seletos*, vol. 1, pág. 92.
8. *Ibidem*.
9. *Ibidem*.
10. *Idem*, pág. 93.
11. *Testimonies*, vol. 2, pág. 94.
12. *Ibidem*.
13. *Parábolas de Jesus*, págs. 247 e 248.
14. *A Ciência do Bom Viver*, pág. 190.
15. *Test. Seletos*, vol. 2, págs. 508 e 509.
16. *Deuterônimo 15:11*.
17. S. Mateus 26:11.
18. *Test. Seletos*, vol. 1, pág. 93.
19. *Idem*, pág. 361.
20. *Idem*, vol. 2, pág. 499.
21. *Idem*, vol. 1, pág. 93.
22. *Idem*, pág. 370.
23. *Idem*, vol. 2, pág. 499.
24. *A Ciência do Bom Viver*, pág. 205.

“Se [um irmão] está aflito ou pobre . . . deve-se fazer-lhe uma concessão, e mesmo não se lhe deve exigir o inteiro valor das coisas que compre dos abastados.”

25. *O Desejado de Todas as Nações*, ed. pop., pág. 613.
26. *A Ciência do Bom Viver*, pág. 183.
27. *ITS*, 547; *ITS*, 465; *PP*, 565-572; *PR*, 651; *Êxodo* 22:25; *Deut.* 23:19, etc.
28. *Testimonies*, vol. 4, pág. 509.
29. *Beneficência Social*, pág. 181.
30. *Test. Seletos*, vol. 2, pág. 516.
31. *Idem*, pág. 507.
32. *Ibidem*.
33. *Ibidem*.
34. *Medicina e Salvação*, pág. 262.
35. *Test. Seletos*, vol. 3, pág. 363.
36. *A Ciência do Bom Viver*, pág. 192.
37. *Idem*, pág. 193.
38. *Test. Seletos*, vol. 3, pág. 133.
39. *A Ciência do Bom Viver*, págs. 342 e 343.
40. *Beneficência Social*, pág. 210.
41. *A Ciência do Bom Viver*, pág. 201.
42. *Test. Seletos*, vol. 2, pág. 42.
43. *Ibidem*.
44. *Beneficência Social*, pág. 270.
45. *A Ciência do Bom Viver*, pág. 183.
46. *Spiritual Gifts*, vol. 2, pág. 235.
47. *Test. Seletos*, vol. 1, pág. 57.
48. *Beneficência Social*, pág. 199.
49. *Mordomia e Prosperidade*, pág. 163.
50. *Parábolas de Jesus*, pág. 247.
51. *Test. Seletos*, vol. 2, pág. 516.
52. *Testimonies*, vol. 1, pág. 535.
53. *Idem*, vol. 6, pág. 189.
54. *Spiritual Gifts*, vol. 2, pág. 120.
55. *Beneficência Social*, pág. 187.
56. *Testimonies*, vol. 4, pág. 551.
57. *Idem*, vol. 4, pág. 552.
58. *Test. Seletos*, vol. 1, pág. 92.
59. *Idem*, vol. 2, pág. 513; vol. 3, pág. 327; vol. 3, págs. 281-283; *O Desejado*, pág. 613; *Profetas e Reis*, pág. 650; *Educação*, pág. 224; *A Ciência do Bom Viver*, pág. 158; *Obreiros Evangélicos*, pág. 384; *Temperança*, pág. 230.
60. S. Mateus 25:40.
61. S. Mateus 25:45.

A Aliança do Dia do Senhor Ouve um Erudito Falar Sobre o Assunto do Sábado*

Uma das principais razões para a existência de minha Igreja é conduzir homens e mulheres a mais profunda relação com o Salvador mediante o redescobrimto do significado e das bênçãos da observância do sábado. Embora nós aqui, hoje, talvez discordemos quanto ao dia em que devemos repousar e prestar culto, estamos mutuamente de acordo no tocante a sua função vital para a sobrevivência do cristianismo.

A essência da vida cristã é uma relação com Deus — uma relação que aumenta e se torna mais íntima especialmente por meio da experiência do culto e serviço provida pelo dia de sábado. Conseqüentemente, a devida

Dr. Samuel Bacchiocchi
Professor-associado de História da Igreja na Universidade Andrews, Berrien Springs, Michigan.

observância do santo dia de Deus reflete uma relação salutar com Ele, ao passo que a desconsideração a esse dia denota declínio espiritual ou mesmo morte. Tiago P. Wesberry, diretor executivo da Aliança do Dia do Senhor, expõe enfaticamente esta verdade em seu livro *When Hell Trembles* (“Quando o Inferno Treme”). Diz ele: “O sábado . . . é o marco miliário do Céu ao longo da estrada do tempo. . . Deus jamais revogou essa lei, e se a desprezarmos, definharemos espiritualmente.” — Pág. 33.

Os adventistas do sétimo dia partilham vossa convicção de que o dia de sábado é uma importantíssima instituição para a renovação física e espiritual

de nossa vida pessoal e da sociedade. Com efeito, cremos que quando a tirania das coisas escraviza nossa vida, precisamos do dia de sábado a fim de ser libertados para desfrutar a paz de Deus para a qual fomos criados.

O Dr. Wesberry sugeriu que eu partilhasse algo de meus antecedentes pessoais, bem como alguns pontos altos de minha experiência e das pesquisas sobre o dia do Senhor que efetuei na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma; e, finalmente, que eu delineasse os aspectos em que podemos e devemos cooperar.

Antecedentes

Nasci a um tiro de pedra do muro do Vaticano e sob a sua sombra passei os vinte primeiros anos de minha vida. Meu pai, católico devoto, estava com vinte e poucos anos de idade quando se encontrou com um valdense que lhe ofereceu uma Bíblia para ler. Ao estudar a Palavra de Deus, ele descobriu entre outras coisas que o sétimo dia é o sábado estabelecido por Deus na Criação e engrandecido por Cristo durante Seu ministério terrestre. Como ele não conseguisse encontrar uma igreja cristã que observasse o sábado do sétimo dia, decidi adorar a Deus e descansar particularmente nesse dia, em sua casa. Ele fez isto durante cerca de um ano, até encontrar uma idosa senhora que o apresentou à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Nossa família passou por muitas experiências probantes a fim de expressarmos nossa dedicação ao Salvador adorando em Seu santo sábado. Meus colegas escarneciam de mim e me chamavam de judeu por faltar à escola e recusar jogar bola com eles no sábado. Parentes e sacerdotes instaram comigo para que abandonasse as idéias "heréticas" de meus pais. Como resultado dessas freqüentes confrontações, comecei a imaginar, enquanto ainda era adolescente, que um dia, pela graça de Deus, eu investigaria as questões atinentes ao sábado e domingo, bem como o significado do santo dia de Deus para os cristãos na atualidade. Porém, como adolescente, nunca poderia ter cogitado que um dia eu efetuaría essa investigação na prestigiosa universidade jesuíta. Naquele tempo era inconcebível que um irmão separado fosse admitido numa universidade do Vaticano sem primeiro renegar sua fé. Por conseguinte, ter visto meu livro sobre a origem da observância do domingo sair de um prelo do Vaticano com um *imprimatur* católico, ter sido o receptor não somente de uma medalha de

Em Seu subsequente ministério sabático, Cristo confirmou essa afirmação fazendo do sábado um dia de restauração física e espiritual. Citarei um exemplo em que o Salvador realça essa dupla dimensão do sábado — a cura da mulher enferma. Primeiro Cristo restaurou-a fisicamente, dizendo: "Mulher, estás livre da tua enfermidade." Cap. 13:12.

Artigos Gerais

ouro do Papa Paulo VI, mas também de centenas de cartas de apreciação de eruditos e líderes religiosos, e ser convidado a partilhar convosco alguns dos pontos altos de minha pesquisa — tudo isto supera qualquer coisa com que eu tenha sonhado em minha juventude.

Experiência na Universidade Gregoriana

Como cheguei a escolher a Pontifícia Universidade Gregoriana para meus estudos doutorais? Padre Rovasio, o sacerdote católico que fiquei conhecendo na Etiópia, onde eu labutava como professor de Bíblia, foi o primeiro a propor-me essa idéia. Certa manhã, na primavera de 1969, partilhei com ele os meus planos de regressar aos Estados Unidos para ampliar a educação. Sorridentemente, disse-me o Padre Rovasio: "Samuel, você é romano, não norte-americano! Deveria voltar a Roma e estudar na Gregoriana!" Repliquei:

— Como posso fazê-lo? Certamente a Universidade Gregoriana não aceitará um "herege" como eu!

O Padre Rovasio assegurou-me que desde o Segundo Concílio do Vaticano eu não era mais um herege, mas um irmão separado, tendo portanto boas possibilidades de ser aceito. Depois de alguma hesitação inicial, decidi solicitar o ingresso. Visto que a Universidade Gregoriana, em seus 428 anos de existência, jamais recebera um requerimento oficial de admissão por parte de uma pessoa não católica, levou cerca de seis meses para deferirem meu requerimento e concederem-me isenções especiais.

Que significava estudar com sacerdotes e professores católicos de todas as partes do mundo? Sendo o único leigo na classe, tenho de confessar que a princípio fiquei um pouco embaraçado, especialmente quando algum colega perguntava qual era a ordem religiosa a que eu pertencia. Às vezes eu respondia brincando que pertencia a uma nova ordem — a ordem adventista. Logo estabelecemos relações afetuosas e cordiais.

O clima de cordialidade e respeito mútuo foi exemplificado principalmente na liberdade e orientação que recebi enquanto efetuava minha pesquisa doutoral na gênese histórica da observância do domingo. Recordo o dia em que solicitei permissão a meu conselheiro, Prof. Vincenzo Monachino, para investigar a origem da observância do domingo para minha dissertação doutoral. A princípio ele manifestou certa

relutância em conceder essa permissão porque achava que essa questão fora amplamente investigada em diversas dissertações. Mas eu persisti, e obtive sua aprovação. O fato de que ele permitiu que eu contestasse uma tese predominante deve ser considerado como indicação de sua pujança intelectual — um genuíno erudito incentivando a livre investigação da verdade, ao invés de defender simplesmente um ponto de vista popular.

Síntese de Minha Pesquisa

Mes objetivos era estabelecer, por um lado, a atitude de Cristo e da igreja apostólica para com o sábado do sétimo dia, e, por outro lado, averiguar quando, onde e por que foi efetuada a mudança do sábado para o domingo. Para certificar-me de qual foi a atitude do Salvador para com o sábado, examinei o material referente ao sábado contido nos Evangelhos. Fiquei impressionado com a considerável cobertura dada ao ministério de Cristo nesse dia — são relatados nada menos que sete episódios de cura no sábado, além de alguns discursos significativos. Isto denota realmente a importância atribuída ao sábado pela igreja apostólica.

Cristo inaugurou Seu Ministério público num dia de sábado na sinagoga de Nazaré, aplicando a Si mesmo a passagem sabática de Isaías 61:1 e 2: Por meio das palavras de Isaías, Jesus disse ter sido “ungido”, isto é, enviado oficialmente, “para evangelizar aos pobres; enviou-Me para proclamar libertação aos cativos, . . . para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor”. S. Lucas 4:18 e 19. Quase todos os comentaristas admitem que “o ano aceitável do Senhor” é o ano sabático ou do jubileu. Esta era a ocasião em que o sábado se tornava o libertador dos oprimidos da sociedade hebraica: os pobres podiam colher livremente o produto da terra, os cativos eram soltos e os escravos eram postos em liberdade. Jesus deve ter surpreendido Sua congregação naquele sábado de manhã ao afirmar sucinta mas enfaticamente: “Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.” Verso 21. Em outras palavras, as promessas de libertação que o sábado continha e proclamava estavam agora — disse Cristo — encontrando mais abundante cumprimento em Seu ministério salvador.

Em Seu subsequente ministério sabático, Cristo confirmou essa afirmação fazendo do sábado um dia de restauração física e espiritual. Citei um

A essência da vida cristã é uma relação com Deus — uma relação que aumenta e se torna mais íntima especialmente por meio da experiência do culto e serviço provida pelo dia de sábado.

exemplo em que o Salvador realça essa dupla dimensão do sábado — a cura da mulher enferma. Primeiro Cristo restaurou-a fisicamente, dizendo: “Mulher, estás livre da tua enfermidade.” Cap. 13:12. A seguir, Ele defendeu Seu ato curador contra a acusação de transgressão do sábado apontando para a libertação espiritual que proporcionara: “Por que motivo não se devia livrar deste cativo em dia de sábado esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?” Verso 16. Para o Salvador o sábado era o dia da libertação — dia para experimentar as bênçãos da restauração física e espiritual que Ele provê a nossa alma necessitada.

O sábado assinala não somente a inauguração, mas também a conclusão do ministério terrestre de Cristo. Naquela histórica Sexta-Feira da Paixão, quando Jesus completou Sua missão terrestre, Ele disse: “Está consumado!” S. João 19:30, e repousou então na sepultura durante o sábado. Portanto, sob o aspecto da cruz, o repouso sabático que resta para o povo de Deus (Heb. 4:9) é um tempo não somente para celebrar a conclusão da criação, mas também para experimentar as bênçãos da salvação. Deixando de lado o nosso trabalho no sábado, segundo declara Calvino, “consentimos que Deus opere em nós” — para trazer a nossa vida o repouso de Seu perdão e paz. Este é basicamente o significado do sábado que encontrei no Novo Testamento. A observância do sábado por parte de Cristo, da maneira como se acha relatada nos Evangelhos, revela que na concepção das comunidades apostólicas o Salvador não anulara o sábado, mas aclarara seu significado e função.

Como se originou então a observância do domingo? Foi por autoridade da igreja apostólica de Jerusalém? Documentos disponíveis revelam conclusivamente que a igreja de Jerusalém, até a segunda destruição da cidade em 135 A.D., se compunha de conversos judeus que eram leais às tradições religiosas do Velho Testamento, como a observância do sábado. Notai, por exemplo, a existência em Jerusalém do partido da circuncisão, evidentemente apoiado por Tiago (Gál. 2:12); a exagerada preocupação dos dirigentes da igreja de Jerusalém com a contaminação cerimonial e as leis relacionadas com os alimentos, que se esperava fossem observadas até mesmo pelos gentios (Atos 15:20); e especialmente a proposta de “Tiago, e todos os anciãos” (Atos 21:18) que Paulo se submetesse a um rito de purificação

no templo, para provar que ele também andava “guardando a lei” (Atos 21:24).

Fontes posteriores confirmam a profunda dedicação da igreja de Jerusalém à observância dos costumes religiosos do Velho Testamento, como a observância do sábado. Epifânio, historiador palestino do quarto século, nos diz que os descendentes dos cristãos de Jerusalém que emigraram para o Norte antes da destruição da cidade em 70 A.D. ainda retinham a observância do sábado como uma de suas principais características no tempo dele.

Visto que Jerusalém não parece ser o lugar de origem da observância do domingo, onde então se originou este costume, e por quê? Minha tese — que eu construí com evidências circunstanciais, mas creio serem também impressionantes — é que a observância do domingo surgiu na Igreja de Roma durante o reinado do Imperador Adriano (117-135 A.D.), num tempo em que repressivas medidas romanas antijudaicas incentivavam a deliberada diferenciação dos costumes judaicos. Resurgentes expectativas messiânicas entre os judeus, nesse tempo, explodiram em violentas sublevações quase que em todas as partes. Debelar a segunda revolta judaica na Palestina requereu o empenho das melhores legiões de Adriano, durante três anos (132 a 135 A.D.). Quando finalmente conseguiu esmagar a revolta, ele adotou as medidas mais repressivas contra os judeus, proibindo categoricamente a prática da religião judaica, e especialmente a observância do sábado. Essas medidas repressivas — sentidas com mais intensidade na capital do império — evidentemente estimularam os membros da Igreja de Roma, que em grande parte se compunha de gentios, a acentuarem sua distinção do judaísmo alterando a ocasião e a maneira da observância do sábado e de tais festas caracteristicamente judaicas como a Páscoa. O sábado foi mudado para o domingo e a data da Páscoa foi mudada do dia 14 de Nisan para o Domingo da Páscoa, a fim de evitar — segundo Constantino declarou mais tarde — “toda a participação na perjura conduta dos judeus”.

Por que se escolheu o domingo como o novo dia de culto, e não algum outro dia? Encontrei uma razão significativa na predominante veneração ao culto do Sol. O dia do Sol era inicialmente o segundo dia da semana no mundo romano, vindo após o dia de Saturno. Entretanto, como os cultos do Sol eram preponderantes no império,

Como cheguei a escolher a Pontifícia Universidade Gregoriana para meus estudos doutorais? Padre Rovasio, o sacerdote católico que fiquei conhecendo na Etiópia, onde eu labutava como professor de Bíblia, foi o primeiro a propor-me essa idéia.

o dia do Sol passou do segundo para o primeiro dia da semana. Será que essa ocorrência influenciou sobre os cristãos que haviam adorado o Sol antes de aceitarem o cristianismo, levando-os a escolher o dia do Sol como seu novo dia de culto? Encontrei significativas evidências diretas e indiretas que sugerem esta possibilidade. Por exemplo, a simbologia do dia do Sol era usada freqüentemente não só para representar a Cristo na arte e literatura, mas também para justificar a observância do domingo. Eusébio explica que os cristãos se reúnem no “*dia da luz*, primeiro dia e *verdadeiro dia do Sol*” porque “é neste dia da criação do mundo que Deus disse: ‘Haja luz’ e é também neste dia que o Sol da Justiça ressurgiu para nossa alma.”

A conclusão, portanto, que emerge de minha investigação é que a mudança do sábado para o domingo não ocorreu na igreja de Jerusalém, por autoridade apostólica, a fim de comemorar a ressurreição de Cristo. Ela ocorreu de certo modo na igreja de Roma, no começo do segundo século, como resultado da ação recíproca de fatores políticos, sociais, pagãos e cristãos, algo semelhantes aos que deram origem à observância do nascimento de Cristo em 25 de dezembro.

Nos poucos momentos restantes de hoje delinear três setores em que os observadores do sábado do sétimo dia e os observadores do domingo podem e devem cooperar.

Setores de Cooperação

1. *Promoção de legislação protetora que habilite todos os cidadãos a repousar e prestar culto no dia de sua escolha.* Felicito a Aliança do Dia do Senhor por defender os direitos não só dos observadores do domingo, mas também dos observadores do sábado do sétimo dia. Estou pensando, por exemplo, no apoio que a Aliança do Dia do Senhor tem dado ao projeto de lei H. R. 8429, que procura proteger o direito de todos os que, por motivos religiosos, recusam trabalhar no domingo, no sábado ou nalgum outro dia. Num tempo em que algumas lojas em cadeia estão pugnando por uma semana de sete dias de compras, sem levarem em consideração as convicções religiosas de seus empregados, precisamos trabalhar juntos a fim de proteger o direito de todas as pessoas para descansar e prestar culto em seus respectivos dias sagrados.

2. *Confirmação do mandamento do sábado.* Como sabem, há um conceito que nega o caráter obrigatório do sábado para os cristãos. Este conceito

começou evidentemente com a política antijudaica de Adriano. Naquele tempo, um grupo de escritos "Contra os Judeus" — *Adversus Judeos* — atacava tais observâncias judaicas como a guarda do sábado. (Para uma breve sinopse, veja-se o meu livro *From Sabbath to Sunday*, págs. 178-185.) A teologia "cristã" de desacato aos judeus, que se desenvolveu nessa época, despojou o sábado de toda significação e reduziu-o, segundo atestou Justino Mártir, a uma instituição temporária, imposta unicamente aos judeus, como insignia de sua iniquidade (ver *From Sabbath to Sunday*, págs. 225-227).

É lamentável que esse conceito negativo sobre o sábado tenha subsistido até o nosso tempo, com pequenas alterações. O número de janeiro-fevereiro de 1979, da *Biblical Archaeology Review* provê um exemplo. Diversos dirigentes religiosos reagem a meu artigo (*Biblical Archaeology Review*, setembro-outubro de 1978) escrevendo para o redator tais comentários como este: "O sábado ainda é o sétimo dia, mas Cristo encravou a lei, inclusive 'o sábado', na cruz (Col. 2:14-16)." Onde o autor obteve essa informação? Certamente não de Colossenses 2:14-16, pois o vocábulo "lei (Nomos)" não aparece nem uma vez em toda a Epístola. O *cheirographon* que foi encravado na cruz, de acordo com estudos recentes sobre o uso contemporâneo dessa palavra, não é a lei de Moisés, mas um livro de registro do pecado (ver *From Sabbath to Sunday*, págs. 339-369).

As conseqüências de negar o mandamento do sábado aos cristãos podem ser vistas na dissertação de Willy Rordorf, uma autoridade no assunto. O Prof. Rordorf argumenta que o mandamento do sábado foi "abolido" por Cristo e, por conseguinte, os cristãos devem "abster-se, tanto quanto possível, de basear a santificação do domingo no mandamento do sábado" (*Sunday*, pág. 298). Essencialmente, sua posição é que o sábado judaico era *um dia de repouso de vinte e quatro horas*; o domingo cristão, pelo contrário, é uma *hora de culto*. Os cristãos, portanto, devem sentir-se livres para empenhar-se em qualquer atividade legítima durante o resto do dia. Este conceito obteve apoio na reunião da Comissão Litúrgica Católico-Nacional.

Com efeito, a Igreja Católica já autorizou a mudança da missa de domingo para sábado à noite, a fim de acomodar os que desejam passar o domingo em ininterruptas atividades recreativas. Tal é o resultado de desfazer um preceito divino como o mandamento

Jesus deve ter surpreendido Sua congregação naquele sábado de manhã ao afirmar sucinta mas enfaticamente: "Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir." Verso 21. Em outras palavras, as promessas de libertação que o sábado continha e proclamava estavam agora — disse Cristo — encontrando mais abundante cumprimento em Seu ministério salvador.

do sábado. O santo dia de Deus é reduzido a uma hora de culto, a qual, por sua vez, é deslocada para adaptar-se a nossa sociedade voltada para os prazeres.

Que pode ser feito para educar e impelir os cristãos a observar o santo dia de Deus, não meramente como *uma hora* de culto, e, sim, como *um dia todo* de repouso, adoração, companheirismo e serviço? Pode isto ser feito mediante uma legislação nacional que proscreva todas as atividades não compatíveis com o espírito do sábado ou do domingo? Em nossa sociedade pluralista e materialista, dificilmente podemos esperar induzir os cristãos a repousar e adorar no santo dia de Deus por meio da legislação civil. Nos países europeus, como a Alemanha, a Inglaterra e a Itália, onde no domingo quase todas as atividades industriais e comerciais são paralisadas por lei, as igrejas estão vazias. Na Itália, a frequência à igreja é de uns 6 por cento, e na maior parte da Europa Ocidental ela é, em média, 10 por cento da população cristã.

As pessoas também não podem ser induzidas a guardar o sábado por meio de apelos a benefícios sociais, econômicos, físicos e ecológicos. Mesmo os que foram persuadidos não serão levados a uma experiência de culto, comunhão e serviço. Unicamente quando o conhecimento do que é bom é fortalecido por profundas convicções religiosas, serão as pessoas impelidas a guardar o sábado da maneira como Deus tencionava que ele fosse observado. O mandamento do sábado, inculcado na consciência pelo Espírito Santo, produz semelhante convicção.

Em sua alocução inaugural, o Dr. Wesberry declarou inequivocamente que "uma das maiores necessidades de nosso país . . . é retornar ao quarto mandamento, lembrando-se mais uma vez do dia de sábado, para o santificar" . . . Farei tudo que estiver ao meu alcance para dar grande ênfase ao *quarto mandamento*." Pela graça de Deus, comprometamo-nos todos a conduzir nossas congregações a renovada compreensão e experiência das bênçãos do sábado. Se o fizermos, logo nos regozijaremos por ver a revitalização da vida física, espiritual e social de nosso povo.

3. *Reavaliação teológica da significação do sábado para os cristãos contemporâneos.* O terceiro setor de cooperação envolve o ato de tornar a definir o significado teológico e a mensagem do sábado à luz de nossa situação contemporânea. O repto que os minis-

tros enfrentam em toda geração é identificar as necessidades das pessoas e da sociedade e mostrar então a solução divina para essas necessidades humanas.

Qual é um dos mais cruciantes problemas que afligem muitas vidas hoje em dia? Acaso não é o problema da falta de tranquilidade? Para livrar-se de tensões, as pessoas experimentam muitos expedientes: férias, tranquilizantes, tóxicos e o álcool; elas ingressam em clubes atléticos ou se unem a grupos de meditação. Quando muito, essas coisas provêem apenas alívio temporário para as tensões interiores. Verdadeiro repouso não se encontra em pílulas mágicas ou lugares fabulosos, mas na correta relação com uma Pessoa — nosso Criador e Salvador. Segundo

O clima de cordialidade e respeito mútuo foi exemplificado principalmente na liberdade e orientação que recebi enquanto efetuava minha pesquisa doutoral na gênese histórica da observância do domingo.

foi declarado por Agostinho no parágrafo inicial de suas *Confissões*: "Tu nos fizeste para Tua própria Pessoa, e nosso coração está inquieto enquanto não encontrar descanso em Ti."

Nossa tarefa comum na atualidade é ajudar as crentes e os descrentes a compreender como o sábado habilita nosso Salvador a trazer paz e descanso a nossa vida agitada. Sou grato pelo discernimento que estou obtendo de pensadores religiosos de todas as crenças. Precisamos descobrir juntos como tornar o sábado uma experiência de renovação física e espiritual para nós mesmos e para nosso povo. ■

* Adaptado de uma palestra proferida na reunião anual da Aliança do Dia do Senhor, em Atlanta, Geórgia, EE. UU., em 18 de fevereiro de 1979.

“Olhando Para Jesus”

Apenas Três Palavras, Mas Elas Contêm o Segredo da Vida.

Este precioso apelo inspirador apareceu numa série de pequenos panfletos publicados na década de 1890 pela Pacific Press Publishing Association, Mountain View, Califórnia. A infinita importância de fixarmos o olhar no Salvador é tão válida hoje como no fim do século passado (se não mais). Instamos com os leitores para que estudem diligentemente este documento, procurando de fato fazer de Jesus o primeiro, o último e o melhor em sua experiência diária. — Os Editores.

Apenas três palavras; mas estas três palavras contêm todo o segredo da vida.

“Olhando para Jesus” — nas Escrituras, a fim de aprender quem é Ele, o que tem feito, o que concede, o que requer, para encontrar em Seu caráter nosso modelo, em Seus ensinamentos nossas instruções, em Seus preceitos nossa lei, em Suas promessas nosso arrimo, em Sua Pessoa e obra plena satisfação para todas as necessidades de nossa alma.

“Olhando para Jesus” — crucificado, a fim de encontrar em Seu sangue derramado nosso resgate, nosso perdão, nossa paz.

“Olhando para Jesus” — ressurreto, a fim de encontrar nEle a única justiça que pode justificar-nos, e pela qual, indignos como somos, podemos

Teodoro Monod Clérigo e redator protestante que labutou amplamente na França e nos Estados Unidos, durante o século dezoenove.

aproximar-nos, com plena confiança em Seu nome, dAquele que é Seu Pai e nosso Pai, Seu Deus e nosso Deus.

“Olhando para Jesus” — glorificado, a fim de encontrar nEle nosso Advogado junto ao Pai, completando, mediante Sua intercessão, a misericordiosa obra de nossa salvação; comparecendo agora mesmo, por nós, à presença de Deus e suprimindo as deficiências de nossas preces com o poder daqueles que o Pai sempre ouve.

“Olhando para Jesus” — da maneira como nos é revelado pelo Espírito Santo, a fim de encontrar, em constante comunhão com Ele, a purificação de nosso coração manchado pelo pecado, a iluminação de nossa mente obscurecida, a transformação de nossa vontade obstinada, para que triunfemos sobre o mundo e o diabo, resistindo a sua coação por Jesus nossa força e desfazendo suas artimanhas por Jesus nossa sabedoria, amparados pela simpatia de Jesus, O qual foi tentado em todas as coisas, e pela ajuda de Jesus, O qual resistiu e venceu.

“Olhando para Jesus” — a fim de que recebamos dEle o trabalho e a cruz de cada dia, com abundante graça para carregar a cruz e realizar o trabalho; sendo pacientes por Sua paciência; ativos por Sua atividade; amorosos por Seu amor; não perguntando: “Que

posso fazer?”, e, sim: “Que Ele não pode fazer?”, confiando em Seu poder, que se aperfeiçoa na fraqueza.

“Olhando para Jesus” — a fim de que o brilho de Sua face dissipe as trevas que nos cobrem; para que tenhamos santa alegria e seja dominado o nosso pesar; para que Ele nos humilhe, e, em tempo oportuno, nos exalte; para que nos aflija e então nos conforte; para que nos destitua de nossa própria justiça e nos enriqueça com a Sua justiça; para que nos ensine a orar e atenda a nossas orações, de modo que, embora estejamos no mundo, não sejamos do mundo, estando nossa vida escondida com Ele em Deus e dando nossas palavras testemunho e Seu respeito perante os homens.

“Olhando para Jesus” — O qual tornou a subir para a casa de Seu Pai a fim de preparar lugar para nós, para que essa bendita esperança nos desse coragem para viver sem murmurar, e morrer sem remorso, quando chegar o dia de enfrentar o último inimigo que Ele venceu por nós, e ao qual venceremos por Seu intermédio.

“Olhando para Jesus” — O qual concede o arrependimento e a remissão de pecados, para recebermos dEle um coração que sente suas necessidades e clama por misericórdia a Seus pés.

“Olhando para Jesus” — a fim de que Ele nos ensine a olhar firmemente para Aquele que é o Autor e Objeto de nossa fé, para que nos conserve na fé da qual Ele é também o Consumador.

“Olhando para Jesus” — e para ninguém mais, como nosso texto o expressa numa palavra que é intraduzível, recomendando ao mesmo tempo que fixemos os olhos nEle e nos desviemos de tudo o mais.

“Olhando para Jesus” — e não para nós mesmos, nem para nossos pensamentos, desejos e planos; para Jesus, e não para o mundo, suas seduções, seus exemplos, suas máximas, suas opiniões; para Jesus, e não para Satanás, quer nos procure atemorizar com o seu furor ou seduzir-nos com suas adulações. Oh! quantas questões inúteis, escrúpulos molestos, perigosas transigências com o mal, pensamentos banais, sonhos vãos, amargos desapontamentos, penosas lutas e apostasias poderíamos evitar olhando para Jesus e seguindo-O aonde quer que Ele vá, tendo o cuidado de nem sequer relancear os olhos para algum outro caminho, para que não percamos de vista aquele em que Ele nos conduz.

“Olhando para Jesus” — e não para

*“Olhando para Jesus”
— e não para nossa
força; pois com ela
só podemos glorificar
a nós mesmos. Para
glorificar a Deus
precisamos do poder
de Deus.*

nossos irmãos; nem mesmo para os melhores e mais amados entre eles. Se seguirmos a um homem, corremos o risco de perder nosso caminho; mas, se seguimos a Jesus, podemos estar certos de que nunca nos extraviaremos. Além disso, se pusermos um homem entre Cristo e nós, esse homem crescerá imperceptivelmente aos nossos olhos, ao passo que Cristo é diminuído; e em breve não saberemos como encontrar a Cristo sem encontrar o homem, e se este último nos decepcionar, tudo estará perdido. Se, porém, Jesus estiver entre nós e nossos mais diletos amigos, nosso apego a eles será menos direto, porém mais agradável; menos impulsivo, e mais puro; menos necessário, e mais útil — o instrumento de ricas bênçãos nas mãos de Deus quando Lhe aprover usá-lo, e cuja ausência ainda será uma bênção quando Lhe aprover dispensá-lo.

“Olhando Para Jesus” — e não para os obstáculos que encontramos em nosso caminho. A partir do momento em que nos detemos a considerá-los, eles nos intimidam, enervam e desalentam, incapazes que somos de compreender a razão por que são permitidos ou o meio pelo qual podemos superá-los. O apóstolo começou a afundar logo que se virou para ver as ondas agitadas; mas enquanto continuou a olhar para Jesus, andou sobre as ondas como se estivesse sobre uma rocha. Quanto mais penosa for nossa tarefa e mais pesada nossa cruz, tanto mais nos compete olhar unicamente para Jesus.

“Olhando para Jesus” — e não para as bênçãos temporais que desfrutamos. Se olharmos primeiro para essas bênçãos, corremos o risco de ficar tão encantados com elas que cheguem a ocultar de nossa vista Aquele que as concede. Quando olhamos primeiro para Jesus, encaramos todas essas bênçãos como provenientes dEle; elas são escolhidas por Sua sabedoria e dadas por Seu amor; mil vezes mais preciosas por serem recebidas de Suas mãos, a fim de serem desfrutadas em comunhão com Ele e usadas para Sua glória.

“Olhando para Jesus” — e não para nossa força; pois com ela só podemos glorificar a nós mesmos. Para glorificar a Deus precisamos do poder de Deus.

“Olhando para Jesus” — e não para nossa fraqueza. Alguma vez já nos tornamos mais fortes por deplorar nossa debilidade? Se olharmos para Jesus, Seu poder nos fortalecerá o coração, e prorrromperemos em cânticos de louvor.

“Olhando para Jesus” — e não para nossos pecados. A contemplação do pecado só produz morte; a contemplação de Jesus produz vida. Não foi olhando para as suas feridas, e, sim, contemplando a serpente de bronze, que os israelitas foram curados.

“Olhando para Jesus” — e não para a lei. A lei nos dá suas ordens, mas não comunica a força necessária para obedecer-lhes. A lei sempre condena e nunca perdoa. Estar debaixo da lei é estar fora do alcance da graça. Na medida em que fizermos de nossa obediência o meio de nossa salvação, perderemos nossa paz, nossa força, nossa alegria, porque olvidamos que “o fim da lei é Cristo para a justiça de todo aquele que crê” (Rom. 10:4). Logo que a lei nos tenha compelido a buscar salvação unicamente em Cristo, só Ele pode impor obediência — uma obediência que não requer nada menos do que todo o nosso coração e nossos pensamentos mais secretos, mas deixa de ser um jugo de ferro e um fardo insuportável — uma obediência que ele torna agradável, embora também seja obrigatória — uma obediência que Ele não somente prescreve, mas inspira, e que, devidamente compreendida, é menos uma conseqüência de nossa salvação do que uma parte dela, e, como todas as outras partes, constitui o dom da graça irrestrita.

“Olhando para Jesus” — e não para o que estamos fazendo por Ele. Se estamos demasiado enlevados em nosso trabalho, pode ser que olvidemos nosso Mestre — talvez tenhamos as mãos cheias e o coração vazio; mas, se olhamos constantemente para Jesus, não podemos esquecer nosso trabalho; se nosso coração está repleto de Seu amor, nossas mãos também serão diligentes em Seu serviço.

“Olhando para Jesus” — e não para o êxito aparente de nossos esforços. O êxito aparente nem sempre constitui a medida de verdadeiro êxito, e, além disso, Deus não nos impôs o sucesso, e, sim, apenas o labor; Ele pedirá contas de nosso trabalho, mas não de nosso êxito. Por que, então preocupar-nos demasiadamente com ele? Devemos lançar a semente; Deus colherá os frutos — se não hoje, amanhã; se não para nós, fá-lo-á para outros. Mesmo que nos seja concedido êxito, sempre seria perigoso olharmos ufantemente para ele. Por um lado, somos tentados a atribuir parte da glória a nós mesmos; por outro lado, somos demasiado propensos a arrefecer o zelo quando vemos que está produzindo bons resultados, sendo essa a ocasião

*“Olhando para Jesus”
— a fim de que Ele
nos ensine a olhar
firmemente para
Aquele que é o Autor
e Objeto de nossa
fé, para que nos
consERVE na fé da qual
Ele é também o
Consumador.*

oportuna para envidarmos redobrada energia. Olhar para o nosso êxito é andar pela vista; olhar para Jesus e perseverar em segui-Lo e servi-Lo a despeito de todos os desalentos é andar pela fé.

“Olhando para Jesus” — e não para os dons que recebemos ou estamos recebendo dEle agora. Quanto à graça de ontem, ela foi retirada com o trabalho desse dia; não mais podemos usá-la; e não devemos mais demorar-nos sobre ela. Quanto à graça de hoje, concedida para as atividades deste dia, ela nos é confiada, não para ser contemplada, mas para ser usada; não para ser ostentada, como se fôssemos ricos, mas para ser empregada imediatamente, a fim de que, em nossa pobreza, olhemos para Jesus.

“Olhando para Jesus” — e não para as profundezas do pesar que sentimos por nossos pecados, nem para o grau de humildade que produzem em nós.

Caso nos humilhem, de modo que não nos deleitemos mais em nós mesmos; caso nos abatam, de modo que olhemos para Jesus, a fim de que possa livrar-nos deles, isso é tudo quanto Ele requer de nós; e é olhar para Ele, mais do que qualquer outra coisa, que faz fluir nossas lágrimas e suprime nosso orgulho.

“Olhando para Jesus” — e não para a intensidade de nossa alegria, nem para o fervor de nosso amor. Por outro lado, se nosso amor parece esfriar-se, e nossa alegria é escassa — quer em decorrência de mornidão ou devido à prova de nossa fé — logo que essas emoções tenham passado, pensaremos que perdemos nossa força e nos entregaremos a inauspicioso desalento, se não a vergonhosa inatividade. Ah! lembremo-nos, porém, de que se a doçura das emoções religiosas às vezes estiver ausente, resta-nos a fé e seu poder; e a fim de que sempre sejamos abundantes na obra do Senhor, olhemos constantemente, não para nosso coração obstinado, mas para Jesus, que é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

“Olhando para Jesus” — e não para nossa fé. O último ardil de Satanás, quando ele não pode afastar-nos do caminho, é desviar nosso olhar de Jesus, para que olhemos a nossa fé e fiquemos desanimados, se ela é fraca; ou envaidecidos, se ela é forte; debilitando-a em ambos os casos. Pois não é nossa fé que nos torna fortes, mas Jesus, mediante a fé. Não somos fortalecidos por contemplar nossa fé, e, sim, por olhar para Jesus.

“Olhando para Jesus” — pois é dEle e nEle que devemos aprender, não somente sem dano algum, mas para o bem de nossa alma e tanto quanto convém que saibamos do mundo e de nós mesmos — de nossa aflição, de nossos perigos, de nossos recursos, de nossa vitória; vendo tudo isso em sua verdadeira luz, pois Ele no-lo revelará no próprio tempo e na exata medida em que esse conhecimento seja mais apropriado para produzir em nós o fruto da humildade e sabedoria, da gratidão e coragem, da vigilância e oração. Tudo que convém que saibamos Jesus no-lo ensinará. Tudo que Ele não nos ensina, é melhor que não o saibamos.

“Olhando para Jesus” — durante

“*Olhando para Jesus*” — e não para nossa fraqueza. Alguma vez já nos tornamos mais fortes por deplorar nossa debilidade? Se olharmos para Jesus, Seu poder nos fortalecerá o coração, e prorrromperemos em cânticos de louvor.

todo o tempo que Ele nos concede neste mundo — renovando constantemente esse olhar, jamais permitindo que a lembrança do passado, ao qual conhecemos tão pouco, ou as ansiedades relacionadas com o futuro ignoto perturbem nossos pensamentos; para Jesus agora, se nunca olhamos para Ele; para Jesus novamente, se deixamos de fazê-lo; para Jesus em todo o tempo, de modo cada vez mais atento e firme, sendo “transformados de glória em glória, na Sua própria imagem” e aguardando assim a hora em que Ele nos chamar para passar da Terra ao Céu e do tempo para a eternidade — a prometida e bendita hora quando afinal “seremos semelhantes a Ele, porque havemos de vê-Lo como Ele é”.

A Problemática Tradução de São João 1:1

As Testemunhas de Jeová, na tentativa de solapar a doutrina da Trindade, e da Divindade de Jesus, traduzem São João 1:1 da seguinte maneira: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era um deus.” Trata-se, pois, de uma tradução capciosa, pois os grandes tradutores do grego não admitem tal distorção. Além disto, esse arremedo de tradução introduz o politeísmo no monoteísmo bíblico, ao apresentar “um segundo deus”. O autor deste artigo põe abaixo a ousadia jeovista.

Antes do estudo dos problemas envolvidos na tradução deste versículo, algumas palavras sobre o vocábulo *Logos*.

Os comentários sobre esta palavra têm sido variados e extensos. Sabatini Lalli estudou-a com proficiência num volume de 100 páginas — *O Logos Eterno*. O Dicionário Teológico do Novo Testamento de Kittel dedica-lhe nada menos de 60 páginas. O autor destas linhas também teve o privilégio ou a pesada incumbência de a estudar numa monografia de 70 páginas para o seu mestrado na Andrews University.

Este termo parece ter-se originado com os Estóicos, que o usaram para designar a sabedoria divina como a força integrante do Universo.

Pedro Apolinário

Logos é muito rico em significados: Máxima, razão, pensamento, palavra, ordem, argumento, explicação, verbo e outros. É da mesma raiz do verbo *lego* = falar, dizer.

O filósofo judeu Filo a usou 1.300 vezes em sua exposição do Velho Testamento, mas em seus escritos *Logos* exclui a idéia de Personalidade e Preexistência. Para ele o *Logos* era um “instrumento” ou “ferramenta” de que se serviu o Criador para formar o Universo.

João o usou como uma designação para Cristo, como a expressão do caráter, mente e vontade de Deus. Que nesta passagem significa uma pessoa, prova-o o versículo 14 logo abaixo. Por que João chamou a Cristo de *Logos* é uma questão muito controvertida entre os comentaristas. Talvez a mais simples e satisfatória seja a de Melancthon e outros, a saber: Cristo é chamado o Verbo porque Ele é a voz ou o intérprete da vontade divina.

Logos corresponde a *Eloim* no Velho Testamento. *Eloim* não é um título para a Divindade, mas o nome para Deus como o CRIADOR. Gên. 1:1. S. João 1:3 apresenta o *Logos* como o criador de todas as coisas.

João de maneira categórica e inequívoca inicia seu Evangelho declarando

que Cristo é Deus, mas apesar desta clareza meridiana este verso é o mais citado pelas Testemunhas de Jeová para negarem a Divindade de Cristo.

Eis ainda a síntese feita por William Barclay, em *New Testament Words*, p. 188, após o estudo do "Logos" de João.

"Chamando a Jesus de *Logos*, João afirmou duas coisas sobre Ele:

1ª) Jesus é o poder criador de Deus vindo para os homens. Sua vinda não foi tanto para nos dizer coisas, mas para fazer coisas por nós.

2ª) Jesus é o pensamento de Deus encarnado. Podemos bem traduzir as palavras de João assim: "O pensamento ou propósito de Deus se tornou um homem. Uma palavra é sempre a expressão de um pensamento, e Jesus é a perfeita expressão dos pensamentos de Deus para os homens."

Na língua em que João escreveu o Evangelho, João 1:1 está assim:

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος

As Testemunhas de Jeová, com seu negativismo doentio, procuram derribar a doutrina da Trindade e da Divindade de Jesus traduzindo-o desta maneira:

"No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era um deus."

Esta tradução não pode ser aceita pelo seguinte:

1ª) Apresentando "um segundo deus" introduzem o politeísmo no monoteísmo bíblico;

2ª) Ninguém, entre os profundos conhecedores do grego, sanciona esta tradução.

3ª) Consultando as grandes traduções da Bíblia verificamos que esta distorção não aparece. Apenas Moffat e Goodspeed, ao que parece para contornarem o problema da não existência do artigo antes da palavra Deus (*Theós* em grego) traduziram — e o Verbo era Divino. Se esta fosse a idéia de João ele teria usado o adjetivo divino (*theiós*).

Em S. João 1:1, período formado de três orações, as duas primeiras visam preparar o espírito dos leitores ou auditores para a afirmação sublime de que Cristo era Deus.

Os dois principais problemas gramaticais levantados pelas Testemunhas de Jeová, são estes:

1. Qual o sujeito da oração?

2. O uso do artigo com a palavra *Theós* = Deus.

PRIMEIRO PROBLEMA — O sujeito da oração.

Jesus é o poder criador de Deus vindo para os homens. Sua vinda não foi tanto para nos dizer coisas, mas para fazer coisas por nós.

Em português colocamos o predicativo depois do verbo de ligação, enquanto no grego ele é colocado antes, porque se torna muito mais enfático. *The Interpretation of St. John's de R. C. Lenski*, pág. 33.

De acordo com Robertson, pág. 791, *Theós* nesta frase é complemento predicativo e *Logos* o sujeito.

É regra elementar da gramática grega que o adjetivo vindo antes do artigo é predicativo e se o adjetivo vier depois do substantivo, ainda sem artigo é também predicativo. Sabatini Lalli, em seu livro *O Logos Eterno* na página 34 cita do *First Greek Book* de John Williams White os seguintes exemplos:

μίηραι αὶ οἰκίαι ἦσαν
- αὶ οἰκίαι μίηραι ἦσαν

elucidam a afirmação feita acima. Nestes dois exemplos o substantivo

οἰκίαι, é o sujeito, e o adjetivo

μίηραι é o complemento predicativo. Aplicando esta mesma regra à terceira afirmação de S. João 1:1 veremos que "Logos" é o sujeito e "Theós" o predicativo, portanto a única tradução correta só poderá ser — o Verbo era Deus.

SEGUNDO PROBLEMA — Ausência do artigo com "Theós."

Arnaldo B. Christianini em *Radiografia do Jeovismo*, págs. 19 e 20, escreveu:

"Argumentam elas, as chamadas Testemunhas de Jeová, que ocorrendo o artigo definido τὸν θεόν em S. João 1:1 segunda oração, e não ocorrendo o artigo com θεός na terceira oração da mesma passagem do Evangelho, é porque essa omissão se destina a mostrar uma diferença. E vão mais longe ainda: dizem que essa 'diferença' é no primeiro caso significar apenas 'o Único Deus Verdadeiro (Jeová)', e no segundo significar apenas 'um deus', outro que não o primeiro, inferior a Ele sendo este último 'deus' Jesus Cristo.

"Ora isto é um contra-senso, além de ser um sacrilégio! Não há nenhuma base lingüística nem lógica para tal desconchavo. Pura invencionice!"

Esta afirmação das Testemunhas de Jeová talvez tenha sua proveniência em Orígenes — o precursor do arianismo que fazia diferença entre *Theós* e *O Theós* de João, Cristo é *Theós*, enquanto Deus o Pai é *O Theós*.

Walter R. Martim, talvez quem melhor sintetizou a parte histórica e doutrinária das Testemunhas de Jeová, mostrou a fragilidade da argumentação jeovista de que Deus com artigo é Jeová

e sem artigo, um deus inferior, isto é Jesus. No livro *The Kingdom of the Cults*, págs. 75 e 76, ilustrou com vários exemplos bíblicos que tal afirmativa é inconseqüente.

Para serem coerentes deveriam traduzir as seguintes passagens desta maneira:

S. Mateus 5:9 — chamados filhos de um Deus

S. Lucas 1:35 — Filho de um Deus

S. Lucas 1:78 — Compaixão de nosso um Deus

S. João — Enviado por um Deus desde que o artigo definido não se encontre diante destas palavras.

As Testemunhas de Jeová acrescentam o artigo e o omitem desde que isto favoreça suas conclusões, sem considerarem as regras mais rudimentares da sintaxe do artigo em grego.

Os eruditos na língua grega afirmam que os escritores do Novo Testamento freqüentemente omitem o artigo com a palavra Deus — em grego *Theós*.

Robertson comentando São João 1:1 afirma: "No Novo Testamento . . . embora tenhamos 'prós ton Theón' é muitíssimo mais comum encontrarmos simplesmente 'Theós', especialmente nas Epístolas."

O uso ou não do artigo é bastante complexo em grego. Estudando a sua sintaxe em três das melhores gramáticas gregas, ou sejam Dana And Mantey, Robertson e Blass, não achei nenhuma base filológica que prove suas descabidas afirmações.

Dana And Mantey na página 139 da sua gramática afirma:

"Um estudo do uso de **ΘΕΟΣ** como dado por Moulton nos convence de que sem o artigo significa divina essência, enquanto com o artigo divina personalidade. . . . O uso de *Theós* em S. João 1:1 é um bom exemplo: *prós ton Theón* aponta para a comunhão de Cristo com a pessoa do Pai, enquanto *Theós en ho logos* enfatiza a participação de Cristo na essência da natureza divina."

Robertson, que dedica quarenta e três páginas da sua gramática para a sintaxe do artigo, afirma na página 795: "A palavra *Theós*, como um nome próprio, é freqüentemente usada com o

Jesus é o pensamento de Deus encarnado. Podemos bem traduzir as palavras de João assim: "O pensamento ou propósito de Deus se tornou um homem. Uma palavra é sempre a expressão de um pensamento, e Jesus é a perfeita expressão dos pensamentos de Deus para os homens."

artigo ou sem ele. Nas Epístolas aparece freqüentemente sem o artigo. Em São João 1:1, como sujeito o *Theós*, mas com um predicativo, *Theós en ho Logos*."

W. C. Taylor em seu livro *Introdução do Novo Testamento Grego*, na página 195 declara:

"Em geral o sujeito tem artigo, mas o predicado não o tem: *ho Theós agape estin* = Deus é amor (I S. João 4:16)."

Quanto ao emprego do indefinido "um" antes da palavra Deus, usada por eles irreverentemente com letra minúscula, Arnaldo B. Christianini provou, à saciedade, que tal invencionice não subsiste.

Robertson, página 796, afirma: O grego não tem artigo indefinido. Teria sido muito fácil se a ausência do artigo em grego sempre indicasse que o nome é indefinido, mas nós temos visto que isto não acontece. O nome sem artigo pode ser definido ou "indefinido".

Blass em sua Gramática Grega do Novo Testamento na página 143 declara: "Os nomes predicativos em regra geral são usados sem o artigo."

O professor Bruce M. Metzger, profundo helenista, especializado no grego do Novo Testamento, em seu trabalho *Jehovah Witness and Christ*, comenta:

"Empregando o artigo 'um', os tradutores (da Tradução Novo Mundo) desprezaram o bem conhecido fato de que na gramática grega os nomes podem ser definidos por várias razões, quer esteja presente ou não o artigo definido. Uma frase prepositiva, na qual o artigo definido não vem expresso pode ser definida no grego, como ocorre realmente em S. João 1:1."

Depois de outros comentários sobre S. João 1:1, o Pastor Christianini conclui:

"As chamadas Testemunhas de Jeová não têm mesmo o senso do ridículo ao insistirem na sua esdrúxula 'tradução'. Seus 'ministros' (todos os membros são ministros) não admitem que alguém mais conheça o grego. Todas as sumidades de renome mundial daquele idioma são uns ignorantes, só as traduções 'Diaglótica' e 'Novo Mundo' são intocáveis. Não querem examinar. Não querem cotejar. Não querem analisar. Escondem a cabeça sob a areia como o avestruz." ■

"É demasiado elevado o número de homens de ciência e muito reduzido o número de homens piedosos. Chegamos a dominar o mistério do átomo, mas estamos rejeitando o Sermão da Montanha. . . . Conhecemos mais profundamente a arte bélica do que a preservação da paz, e estamos mais familiarizados com a arte de destruir do que com a de viver." — Gen. O. N. Bradley, em *The Gospel Herald*.